



Revista ADM.MADE

Revista do Mestrado em Administração e
Desenvolvimento Empresarial - Universidade
Estácio de Sá

Revista ADM.MADE, Rio de Janeiro, ano 13, v.17, n.3, p.70-88, setembro/dezembro, 2013

Revista do Mestrado em Administração e Desenvolvimento Empresarial da Universidade
Estácio de Sá – Rio de Janeiro (MADE/UNESA). ISSN: 2237-5139

Conteúdo publicado de acesso livre e irrestrito, sob licença Creative Commons 3.0.

Editores responsáveis: Marco Aurélio Carino Bouzada e Isabel de Sá Affonso da Costa

Organizadora do número temático: Cecília Lima de Queiróz Mattoso

A “Vida Social” de Móveis e Eletrodomésticos: Consumo e Descarte na Favela e no Asfalto

Sílvia Borges Corrêa¹
Michele de Lavra Pinto²

Artigo recebido em 19/12/2013 e aprovado em 10/02/2014. Artigo avaliado em *double blind review*.

¹ Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ). Professora Titular II da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM Rio). Endereço: Rua do Rosário, 90 - Centro - Rio de Janeiro, RJ - CEP: 20041-002. E-mail: sborges@espm.br e silborgesc@gmail.com.

² Doutoranda em História e Política pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (CPDOC/FGV-RJ). Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Adjunta I da ESPM Rio. Endereço: Rua do Rosário, 90 - Centro - Rio de Janeiro, RJ - CEP 20041-002. E-mail: mlavra@espm.br e mlavrap@hotmail.com.

A “Vida Social” de Móveis e Eletrodomésticos: Consumo e Descarte na Favela e no Asfalto³

A partir de uma perspectiva relativizadora sobre o fenômeno do consumo, o artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre as dinâmicas sociais e culturais que permeiam as trajetórias de móveis e dos eletrodomésticos em lares localizados nos bairros de Copacabana e Ipanema, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. É neste contexto que investigamos as construções de valor, os significados e os ressignificados dos objetos que circulam entre lares, bem como as formas de sociabilidade presentes nessas dinâmicas. Ou seja, procuramos acompanhar o deslocamento e a transformação desses objetos de forma descritiva e analítica, através dos diversos contextos sociais. A fim de construir uma “descrição densa” da trajetória dos móveis e dos eletrodomésticos e os significados que estes adquirem para as famílias pesquisadas, foi utilizado o método etnográfico. Sete famílias foram selecionadas para serem acompanhadas e entrevistadas, seja no asfalto ou na favela. A pesquisa com as famílias mostra que há redes tanto verticais como horizontais na circulação de bens. Outro aspecto interessante revelado na pesquisa diz respeito aos “espaços limiares”, espaços da casa ou da rua que são utilizados pelas famílias para “encostar”, a princípio em caráter provisório, os objetos que não são mais úteis ou desejados.

Palavras-chave: cultura material; consumo; descarte; etnografia.

Keywords: material culture; consumption; disposal; ethnography.

The “Social Life” Of Furniture And Appliances: Consumption And Disposal In The “Slums” And In The “Middle Class Neighborhood”

This paper presents the results of a research (based on the relativist perspective of consumption) on the social and cultural dynamics that underlie the trajectories of furniture and appliances in homes located in the neighborhoods of Copacabana and Ipanema, in the South Zone of Rio de Janeiro. It is in this context that we investigate the constructions of value and meanings of the objects that move among homes, as well the sociability involved in such dynamics, ie, we try to follow the displacement and transformation of those objects in an analytical perspective in different social contexts. In order to build a “thick description” of the trajectory of the furniture and the appliances and the meanings they acquire in the surveyed families, we used the ethnographic method and, thus, seven families were selected to be monitored and interviewed, either in the “slums” or in “middle class neighborhoods”. The research shows that there are both vertical and horizontal networks in the circulation of goods. Another interesting aspect revealed in the research concerns “threshold spaces”, which are spaces in the houses or in the streets that are used by households as a temporary depository of stuff that are no longer useful or desired.

1. Introdução

Durante muito tempo, nos diferentes campos do conhecimento, as sociedades foram prioritariamente estudadas a partir do seu processo produtivo, tendo o trabalho como uma das principais categorias para o seu entendimento. Atualmente, percebe-se que a

³ A pesquisa que deu origem a este artigo conta com o apoio institucional e financeiro do CAEPM/ESPM (Centro de Altos Estudos da ESPM) e tem prazo de realização de 12 meses, tendo sido iniciada em junho de 2013.

compreensão de uma dada sociedade pode ser realizada também por aquilo que seus membros consomem. Nesse contexto, a área do conhecimento denominada Antropologia do Consumo, que tem, como prerrogativa, a visão relativizadora sobre o fenômeno do consumo, dá destaque à perspectiva que aponta um afastamento em relação à visão das mercadorias como meras utilidades dotadas de valor de uso e de valor de troca. O foco da Antropologia do Consumo é acentuar a dimensão cultural que atravessa as práticas de consumo e, neste sentido, o consumo deve ser entendido como um processo sociocultural – que envolve, em um sentido expandido, além do uso, a troca e também a criação de bens e serviços.

A partir desta perspectiva do consumo, ao olharmos para o universo dos objetos e acompanharmos suas histórias e trajetórias, é possível descrever o universo material e relacional de uma dada sociedade. É com este olhar que objetivamos, a partir da pesquisa realizada, descrever e analisar as dinâmicas sociais e culturais que permeiam as trajetórias de móveis e eletrodomésticos em lares da cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, delimitamos geograficamente os bairros de Copacabana e Ipanema, localizados na zona sul do Rio de Janeiro. Estes dois bairros, que representam um bom exemplo da coexistência e do convívio de pessoas de diferentes contextos socioeconômicos na cidade, são tipicamente caracterizados como bairros de classes média e alta, mas possuem agrupamentos habitacionais conhecidos como favelas ou comunidades. Portanto, objetivou-se investigar as construções de valor, os significados e os ressignificados dos objetos que circulam entre lares, bem como as formas de sociabilidade presentes nessas dinâmicas de troca e circulação de móveis e eletrodomésticos. Visando atingir esse objetivo central, procurou-se acompanhar o deslocamento e a transformação desses objetos de formas descritiva e analítica através dos diversos contextos sociais nos quais as famílias pesquisadas se inserem. Mais especificamente buscamos entender as diferentes motivações para o descarte assim como as alternativas encontradas pelas famílias para se desfazerem dos objetos do lar que não mais são desejados.

2. Desenvolvimento Teórico

2.1. Consumo e cultura material

Como apresentado acima, o tema central do estudo é a circulação dos objetos da casa, notadamente móveis e eletrodomésticos, com ênfase no descarte desses bens. No entanto, ao pesquisar as famílias, como já destacou Miller (2001, 2007, 2012, 2013) percebe-se que, quando se estuda a cultura material de um grupo, estudam-se não só as relações entre as pessoas e os objetos, mas também, e principalmente, a relação entre as pessoas. Assim, na perspectiva antropológica do consumo, os bens apresentam um duplo papel: de um lado, sem dúvida, provêm subsistência, mas, de outro, promovem relações sociais. É neste sentido que se torna possível afirmar que o consumo pode ser entendido como uma forma de comunicação entre as pessoas, na qual os objetos atuam como mediadores ou indexadores desse processo interativo: os bens são comunicadores. Numa simples frase, “as mercadorias são boas para pensar” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004, p. 108). Logo, servem

para produzir sistemas classificatórios a partir dos quais os grupos sociais demarcam fronteiras e diferenças entre si.

A partir dessas ideias, é possível perceber que, no âmbito da cultura de consumo, o indivíduo moderno tem consciência de que se comunica por meio de suas roupas, através de sua casa – significando do mobiliário, dos objetos de decoração, de seu carro, de suas atividades de lazer, dos lugares que frequenta – e que esses elementos, ou o conjunto desses elementos, serão interpretados e classificados em termos da presença ou da falta de gosto.

Campbell (2001, 2007) explica a centralidade do consumo na vida moderna através do lugar privilegiado que a emoção e o desejo, junto com a imaginação, ocupam na modernidade. Emoção, desejo e imaginação são expressões de subjetividade e de individualismo. A ênfase é, então, colocada no direito de os indivíduos decidirem, por si mesmos, que produtos e serviços consumir. Por isso, as atividades geralmente associadas ao termo “consumo” – como procura, compra e utilização de bens e serviços que atendam a nossas necessidades ou satisfaçam nossos desejos – são considerados tão importantes. Somente levando-se em conta o papel exercido pela emoção, pelo desejo e pela imaginação na construção das subjetividades e das individualidades contemporâneas é possível, na perspectiva do autor, explicar o consumismo moderno, fenômeno no qual o processo de querer e desejar é fundamental e estruturador da vida. É nesse contexto de subjetividade e individualismo que a identidade torna-se tema central para discutir o consumismo moderno.

Na atualidade, os indivíduos se autodefinem, predominantemente – e muitas vezes, quase que exclusivamente – em termos de seus gostos; isto é, em termos de seus perfis específicos de gostos e de desejos. Para Campbell (2001, 2007), a resposta à pergunta “Quem sou eu?” continua incluindo algumas definições básicas como sexo, raça, nacionalidade, etnia, religião e profissão, mas esses elementos não são mais os parâmetros daquilo que consideramos ser. Eles formam um esboço, mas não especificam as linhas finas da nossa identidade e da nossa individualidade.

A proliferação de produtos e de serviços – isto é, de escolhas, uma característica da sociedade consumidora moderna – é essencial para que venhamos a descobrir quem somos. A identidade não deriva de um produto ou serviço consumido - não compramos identidades mediante nosso consumo de bens e serviços específicos, pois o local onde reside a nossa identidade pode ser encontrado em nossas reações aos produtos e não nos produtos em si - no entanto, é evidente que o que compramos e consumimos diz algo sobre quem somos. Monitorando nossas reações aos produtos, observando do que gostamos e do que não gostamos, é que começamos a descobrir quem “realmente somos”. Essa maneira de conceber a própria identidade é muito nova; basta perceber que as autodefinições de pessoas de outras épocas eram baseadas em elementos como família, trabalho, religião, raça, nacionalidade – e não por seus gostos por bebida, música, literatura e atividades de lazer, como se faz hoje. (CAMPBELL, 2001, 2007)

Outro conjunto de autores relevantes por suas contribuições ao estudo antropológico do consumo são aqueles relacionados ao campo da cultura material, entre os quais destaca-se Miller (2002, 2007, 2010, 2012). Ele afirma que “estudos de cultura

material trabalham através da especificidade de objetos materiais para, em última instância, criar uma compreensão mais profunda da especificidade de uma humanidade inseparável de sua materialidade.” (MILLER, 2007, p. 47). Desta forma, o papel dos objetos na formação das relações sociais é fundamental, pois é a partir da mercadoria que se produz tanto a relação entre ela mesma e as várias pessoas que com ela entram em contato, quanto a relação das pessoas entre si.

Miller (2010, 2012) mostra como os objetos (móveis, utensílios, itens de decoração, eletrodomésticos e eletroeletrônicos), seus usos e suas presenças em lares revelam sobre os relacionamentos humanos, sobre as sociedades e sobre as culturas. Em Teoria das Compras, Miller (2002) explica como as compras de abastecimento do lar são meios de expressão dos afetos que envolvem o(s) responsável(eis) por realizar as tais compras e os demais membros dos lares londrinos pesquisados. Em um trabalho posterior, Miller (2012) dá prosseguimento à ideia central presente em seus trabalhos – a ideia de que as pessoas se expressam através das suas posses e que, por extensão, essas posses “falam” sobre as vidas das pessoas – mas destaca análises que mostram como a cultura material ajuda as pessoas a lidarem com perdas e com mudanças ao longo de suas vidas. O autor afirma, assim, a centralidade da cultura material nos relacionamentos, e a centralidade dos relacionamentos na vida moderna.

Ainda no campo da cultura material, no que tange às questões referentes às relações entre consumidores e mercadorias, Appadurai (2008) é outra referência importante, considerando-se sua discussão sobre a construção do valor e o próprio conceito de mercadoria. Partindo da ideia de valor, em uma clara referência ao trabalho de Simmel (1978), Appadurai (2008, p. 15) afirma que “o valor jamais é uma propriedade inerente aos objetos, mas um julgamento que sujeitos fazem sobre ele”. Para Appadurai (2008), não se trata exatamente de definir *a priori* o que é mercadoria, mas sim de saber que tipo de troca é a troca de mercadorias. Com esse deslocamento da questão, é possível perceber que mercadorias são coisas em determinada situação; ou seja, ser mercadoria é circunstancial e não uma característica intrínseca ou que se determina na produção. Mercadoria não é um tipo de coisa, mas uma fase – a fase mercantil – na vida de algumas coisas.

Kopytoff (2008) propõe a pesquisa da biografia cultural dos objetos a fim de que sejam percebidas e analisadas suas fases de vida e as gradações, sobreposições e recorrências das classificações que os vulgarizam ou singularizam em determinada sociedade, acentuando, assim, a sua circulação e as ambiguidades das variações de seus *stati* sociais. O autor sugere que, através da análise das fases de vida de um objeto, é possível não só observar a interação do objeto na sociedade na qual está inserido, mas também explicitar algumas regras sociais do(s) grupo(s) estudado(s), seja através da afirmação da singularidade das práticas culturais do(s) grupo(s), seja pela troca com outros grupos e pelas suas formas de classificação e de singularização de objetos.

A perspectiva de biografia cultural, proposta por Kopytoff (2008), é apropriada ao estudo de coisas específicas que passam por mãos e por contextos, e que adquirem usos diferentes. Ao fazer uma biografia de um objeto, interroga-se sobre questões que vão desde de onde vem esse objeto e quem o fabricou, até como mudam os usos desse objeto à medida ele que envelhece e que destino tem quando sua utilidade chega ao fim. Desta

maneira, é possível compreender sua trajetória de vida, e suas etapas de mercantilização e de singularização. Kopytoff (2008) chama a atenção para o fato de que a singularização de objetos é um processo que se dá, muitas vezes, dentro de pequenos grupos e de pequenas redes sociais, e que grande parte da singularização é alcançada pela referência à passagem do tempo. O processo de transformação de um objeto “comum” em antiguidade é um claro exemplo de singularização de objetos. No entanto, pode-se falar de outra forma de singularização: aquela que se processa com objetos de segunda mão. Recorrendo a Sahlins (1979), pode-se supor que itens de segunda mão, que podem ter sido adquiridos por meio de troca, de compra ou de doação, são apropriados segundo as lógicas culturais específicas e através de propósitos múltiplos. Os consumos “originais” são, muitas vezes, ignorados ou subvertidos, a partir do momento que esses itens aportam em outros grupos sociais, sendo incorporados aos universos culturais específicos de cada grupo.

2.2. Populações de baixa renda

Além da teoria sobre o consumo e sobre a cultura material, torna-se importante referir-se a estudos realizados com populações de baixa renda. No Brasil, nos estudos que envolvem populações de baixa renda tem-se buscado desvendar aspectos relacionados à violência, à família, a gênero e à identidade, entre outros. Exemplo é o estudo de Sarti (1996), que, ao analisar famílias de baixa renda em São Paulo, procura descobrir com que categorias morais⁴ elas se organizam, interpretam e dão sentido a seu lugar no mundo, e que salienta, assim, a dificuldade que homens e mulheres têm de afirmação individual, uma vez que as obrigações em relação a seus familiares devem prevalecer sobre os projetos individuais.

Outra pesquisa que retrata universo semelhante, mas noutro contexto geográfico, é a de Fonseca (2000, p.26), que demonstra, em uma comunidade pobre de Porto Alegre, denominada Vila⁵ Cachorro Sentado, como a questão da honra figura como elemento simbólico-chave, ao mesmo tempo em que “regula o comportamento e define a identidade dos membros do grupo”. Ou seja, a honra é examinada como um regulador de interação partilhado pelos membros do grupo, independentemente de seus papéis, variando somente a idade, o sexo, e os *stati* econômico e civil (FONSECA, 2000). Entre os jovens do sexo masculino, a projeção de uma imagem pública de prestígio se apoia na

(...) bravura (coragem para matar um adversário, ajudar um amigo em perigo, resistir às investidas da polícia quando esta busca alguém na Vila), na virilidade (manifesta-se pela conquista sexual das mulheres), na generosidade (medida por virtudes sociais tais como amor pelas crianças, gastar dinheiro com quem precisa). (FONSECA, 2000, p.26).

⁴ A questão da moralidade no estudo de Sarti (1996, p.3) é considerada do ponto de vista antropológico numa perspectiva que a autora chama de durkheimiana, ou seja, no sentido “de que nega qualquer ‘essência’ boa ou má à ordenação moral que fazem os pobres do mundo social, mas busca compreender qual é a interpretação que os sujeitos envolvidos fazem de sua experiência de vida, expressa em suas normas e valores”.

⁵ No Brasil há variações, de acordo com a região, quanto a terminologia dos locais, os quais, residem populações de baixa renda. Estes podem ser “chamados de comunidades, favela, morro, quebrada, palafita, gueto, assentamento, entre outros” (ATHAYDE, 2011, p. 402).

A honra familiar, entre os homens, se expressa na procriação e na forma de provimento de proteção à sua família. A honra feminina⁶, segundo a autora, contempla quase que exclusivamente a vida doméstica, o cuidar bem dos filhos, o ter a sua família; por isso, ser mãe é um atributo importante, o que legitima a vontade das mulheres da vila de casar e ter filhos (FONSECA, 2000, p. 30-1).

O estudo de Caldeira (1984) retrata o cotidiano de moradores de um bairro da periferia de São Paulo, o Jardim das Camélias, a partir de representações e opiniões dos mesmos, ou seja, como concebem a sociedade em que vivem suas condições de vida entre outros elementos que vão definindo e contornando. O tema do consumo surge como um dos elementos destacados pela autora. A autora revela que embora as rendas familiares sejam resultados de estratégias diferentes e assim relacionadas a variadas relações no mercado de trabalho, há um momento que essas diferenças deixam de ser significativas: é o momento do consumo. Isso se mostra possível, uma vez que o rendimento das famílias é bastante semelhante e esse é um dos fatores segundo a autora que garantem uma homogeneidade às suas condições de vida.

No Rio de Janeiro, o estudo de Zaluar (2000) aborda a pobreza e seus diferentes significados a partir dos moradores do conjunto habitacional Cidade de Deus. A autora relata as condições de vida e diferentes histórias que levam seus moradores a tornarem-se trabalhadores ou bandidos, categorias essas expostas pelos próprios moradores a partir de arranjos e de associações simbólicas, relacionadas, entre outros, ao uso da arma de fogo e à posse de dinheiro.

Embora em cidades distintas, todas essas pesquisas buscam, através dos recortes e de categorias estabelecidas pelas pesquisadoras, revelar o universo dessas populações. Valladares (2000) descreve como a favela foi introduzida e tratada no debate político-social na cidade do Rio de Janeiro. A autora discorre, ainda, sobre como, ao longo do século XX, foi sendo percebido e construído um saber sobre a favela, além de uma imagem negativa associando o local e seus moradores a pobreza, sujeira e malandragem. Já Machado da Silva (2011, p. 699) salienta que a questão das favelas costuma ser estudada sob dois tipos de análises: “a que pretende propor ‘soluções’ para o ‘problema social’ das favelas e a que pretende traçar linhas de ação político-ideológicas”. Mas, segundo o autor, é preciso ter ciência de que a favela não é um local homogêneo: ela possui diferenças internas pois “não é uma comunidade isolada”. Ainda segundo o autor, a “própria existência depende muito mais de determinadas condições estruturais da sociedade global do que dos mecanismos internos desenvolvidos para mantê-la”. Nesse sentido, o elemento que pode e que merece ser acrescentado às pesquisas com populações de baixa renda - ou melhor dizendo, o que pode contribuir para esses estudos - é a análise da relação, através da “vida social” dos objetos, entre os moradores do “asfalto” e das favelas.

⁶ Para a autora não há na Vila a noção particular de honra ligada à moça solteira, como foi observado entre os homens.

3. Notas Metodológicas

As possibilidades de pesquisar a vida social dos objetos são inúmeras, e a sociedade de consumo contemporânea é fortemente marcada pelo descarte dos bens. Sendo assim, é enorme e cresce a cada dia a quantidade de objetos presentes nos lares e que são descartados pelos consumidores após determinado tempo de uso – e algumas vezes mesmo sem uso algum. Especificamente no caso dos móveis e dos eletrodomésticos, observa-se que o descarte e a circulação desses bens são feitos, em grande parte, através de doações. Em outras palavras, quando um objeto não é mais desejado ou útil em uma residência, ele é repassado por seu dono para outras pessoas, indo aportar em outra residência na qual pode receber, além de novos proprietários, novos significados e novos usos - enfim, uma nova vida, ou uma nova etapa de sua vida social. Em grande medida, esse “repasso” de objetos é feito no sentido de uma verticalidade hierárquica, ou seja, os objetos são repassados de pessoas de classes mais altas para pessoas que pertencem a classes mais baixas. Obviamente isso não é uma regra: vai depender do significado e do valor atribuídos ao objeto por seu dono, pois, em alguns casos, o repasse dos objetos pode ser feito dentro de uma mesma classe social (para amigos, familiares ou vizinhos). Para melhor descrevermos a trajetória e os significados dos móveis e dos eletrodomésticos para as famílias pesquisadas, nos valem do método etnográfico e, assim, algumas famílias foram acompanhadas e entrevistadas, seja na favela ou no asfalto.

Tradicional método de pesquisa antropológica, o método etnográfico não busca regras gerais ou leis universais, mas sim descrever e interpretar os fenômenos sociais e compreender as lógicas, os valores e os significados presentes numa coletividade a partir do *ponto de vista nativo*. Os estudos de cunho etnográfico, portanto, são orientados por um tipo de conhecimento científico que é gerado a partir do ponto de vista do outro, permitindo uma pesquisa por dentro da realidade de um grupo, escapando do viés etnocêntrico através de um olhar relativizador.

A centralidade do saber e do fazer antropológico está, para Peirano (1995), na tensão criativa entre teoria e pesquisa, e permanente entre o saber acumulado na disciplina e as “categorias nativas”⁷ apresentadas pelos integrantes dos grupos sociais pesquisados. Cabe ressaltar que o método etnográfico preconiza a realização de um trabalho de campo no qual são utilizadas duas técnicas, que se complementam na construção da “descrição densa”⁸ de um grupo, de um evento ou de um fenômeno social: a observação participante e as entrevistas em profundidade.

Em relação à observação participante, ela busca, através do contato direto e da convivência com o grupo pesquisado, conhecer o grupo ou o fenômeno em seus vários aspectos. Para tanto, faz-se necessário acompanhar o cotidiano e os momentos especiais – a rotina e os rituais – que se desenrolam nos ambientes pesquisados. Essa abordagem própria da etnografia é que permite produzir um conhecimento diferente do obtido por intermédio

⁷ Categorias nativas são palavras ou expressões típicas de um grupo social ou de uma subcultura que têm um significado específico para aquela coletividade e que também orienta a sua visão de mundo.

⁸ “Descrição densa” é a expressão utilizada e popularizada no campo da Antropologia por Clifford Geertz (1989) para falar sobre a descrição etnográfica.

da aplicação de outros métodos. Conforme salienta Magnani (2009, p.135), “trata-se de um empreendimento que supõe um determinado tipo de investimento, um trabalho paciente e contínuo ao cabo do qual e em alguns momentos, os fragmentos se ordenam, perfazendo um significado até mesmo inesperado”.

Já no que tange às entrevistas, estas devem ser conduzidas através de um roteiro, de forma a permitir o fluxo do discurso dos entrevistados, e preferencialmente com gravação do áudio a fim de que possam ser posteriormente analisadas e delas retiradas as “categorias nativas” utilizadas pelo grupo pesquisado. Desse tipo de entrevista é possível obter as motivações, as definições, as classificações, os significados, enfim, a visão e a forma de perceber o mundo por parte dos membros do grupo.

Todavia, a condução do trabalho de campo foi diferente no asfalto e na favela, pois as relações pesquisador-pesquisado são construídas de maneira diferentes nesses dois espaços. No acesso às famílias, constatamos que as pessoas residentes no asfalto não têm o costume de abrir suas casas a pesquisadores, portanto foi necessário recorrermos a redes de amigos, de colegas e de conhecidos. Após as indicações e o aceite em colaborar com a pesquisa, estas famílias mostraram-se mais disponíveis em dar entrevistas; entretanto, o acompanhamento diário ou semanal da rotina mostrou-se pouco eficiente, pois, ao longo do dia, as pessoas passam pouco tempo em suas casas e alegam falta tempo e a grande quantidade de trabalho e de atividades que preenchem seus cotidianos.

No caso das famílias da favela ocorre o contrário. Embora tenham sido realizadas entrevistas, estas mostraram poucos resultados, já que, mesmo depois de várias explicações, não houve um entendimento de o que era a pesquisa. Sendo assim, o acompanhamento semanal das famílias (observação participante) em suas mais variadas tarefas se mostrou mais eficiente no que diz respeito ao objetivo da pesquisa.

Essas questões não chegam a ser obstáculos ou efetivas dificuldades, uma vez que refletem as especificidades das famílias pesquisadas e das realidades dos campos. Em função dessas questões, como descrito acima, foram adotados caminhos e estratégias de contato, de interação e de pesquisa que se mostraram mais condizentes e eficazes em cada lugar, como já descrito anteriormente. No caso do asfalto, entrevistas mais longas e/ou mais de uma entrevista foram realizadas ao longo do período da pesquisa. Procurou-se também conversar com as empregadas domésticas da residências e com os porteiros dos prédios das residências pesquisadas.

4. Análises e Resultados

A partir do trabalho de campo realizado podemos apontar algumas particularidades dos dois espaços que investigamos – favela e asfalto – e das famílias residentes em cada um desses espaços.

4.1 . Na favela

Na favela, a estrutura família mais comum é a de famílias extensas compostas por casais ou por mulheres sem marido, com vários filhos e parentes (tios/as, avós, netos/as)

residindo em uma mesma casa. Todas as famílias entrevistadas moram em casas próprias ou alugadas, e possuem perfis socioeconômicos distintos.

Família Silva⁹

Reside na Favela do Pavão em residência alugada. Trocaram de moradia, pois, na casa anterior, havia problemas de infiltrações e de umidade. A família é composta por dois adultos (um casal, com respectivamente 31 e 32 anos de idade) e cinco crianças (com idades entre um e meio e sete anos). A casa atual possui somente um cômodo e um banheiro. A família encontra-se em situação de extrema pobreza e vive com o dinheiro do programa Bolsa Família, de trabalhos informais do marido e de ajuda dos vizinhos e de ONGs. A mulher é dona de casa, pois as crianças pequenas e a falta de vagas na creche não permitem que ela trabalhe.

Quando houve a mudança para a nova casa, os móveis foram trocados. Segundo a moradora, “casa nova, tudo novo”. Cabe frisar que a maioria dos móveis foram doados por uma ONG e por amigos da favela, e que os poucos móveis da antiga casa também haviam sido doações. Primeiramente receberam um colchão de casal e dois de solteiro, um fogão com apenas duas bocas, e dois armários pequenos, sendo um utilizado para guardar utensílios domésticos e alimentos, e o outro utilizado para roupas¹⁰. Posteriormente, ganharam uma pequena mesa, usada para colocar a televisão – presente da professora do filho mais velho, uma vez que a televisão antiga foi danificada durante a mudança. No cômodo – ou seja, na casa – ainda há uma pia que ali já se encontrava. Na mudança para a nova casa, foi levada uma geladeira, que não funcionava e que apenas alguns dias depois foi jogada fora, pois seu conserto “não valia a pena”. A família ficou semanas sem geladeira até que uma ONG, que auxilia famílias na favela, conseguiu uma geladeira antiga, do tipo duplex, através de doação; contudo, como era muito grande para o pequeno espaço da casa, a moradora trocou por uma geladeira menor com uma vizinha e amiga.

Um fato interessante é a rede de auxílio que esta família recebe. Constantemente, vizinhos fazem doações de alimentos, como pão e biscoito, de roupas e de brinquedos para as crianças, e uma amiga deixa que a moradora utilize sua máquina de lavar roupas e o seu computador.

Família Azevedo

Reside na divisa entre as favelas do Pavão-Pavãozinho em casa própria. A família é composta por dois adultos (um casal, com respectivamente 41 e 43 anos), duas crianças (10 e cinco anos) e um adolescente (14 anos). A renda da família vem do trabalho do casal; o marido é ajudante de cozinha em uma pizzaria de Copacabana, e a esposa trabalha como auxiliar de limpeza em uma academia no bairro de Botafogo. Com o salário, a mulher

⁹ Como é de praxe nas pesquisas de cunho etnográfico, a fim de preservar o anonimato das pessoas que participam das pesquisas, todos os sobrenomes e nomes utilizados neste artigo são fictícios.

¹⁰ O espaço da antiga casa era muito pequeno e, portanto, havia poucos móveis que devido ao estado de conservação foram colocados no lixo, ou seja, na parte de baixo da favela próximo ao espaço da Comlurb - Companhia Municipal de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro.

comprou um *notebook* para os filhos; assim, segundo ela, “eles ficam mais em casa e cuidam da pequena quando estou trabalhando”.

A casa possui uma sala, uma cozinha, um banheiro e um quarto. Neste último, dividido por uma cortina, encontram-se, de um lado, um colchão de casal e um ventilador (este último encontrado na Rua Saint Roman, que dá acesso à favela); do outro lado, há um colchão de casal e um de solteiro, além de uma estante de metal com roupas. A sala possui cadeiras de plástico, um tapete que ocupa parte do chão, uma mesa pequena com uma televisão em cima, uma geladeira duplex antiga, e um armário de cozinha com as portas quebradas e repleto de roupas. Na parede, há um *banner* com propaganda da academia em que a mulher trabalha e um calendário de um escritório de *design*, no qual, segundo a própria moradora, a irmã trabalha como faxineira. A cozinha é pequena, mas abriga um fogão de quatro bocas, uma pia, uma máquina de lavar, e prateleiras acima da pia. Na cozinha ainda há eletrodomésticos, como liquidificador e batedeira.

Segundo a moradora, o armário e a estante de metal foram doados por uma vizinha que iria jogá-los fora; o liquidificador ela achou e retirou do lixo na Avenida Nossa Senhora de Copacabana. O marido inicialmente não gostou do fato de o utensílio ter sido achado no lixo, mas, como estava funcionando, foi lavado e ficou na casa. A geladeira foi trocada com a amiga (da família Silva), mas o restante eles compraram. Observamos que esta família tem o costume de acumular móveis e utensílios. Quando compram ou ganham, o antigo (quando eles possuem) é “encostado” nos espaços que restam da casa. O descarte só é feito quando doam para algum vizinho ou conseguem levá-los para o espaço na entrada da favela próximo ao local onde a Companhia Municipal de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro (Comlurb) faz o recolhimento do lixo da comunidade.

Família Pereira

Reside na favela do Cantagalo em casa alugada, mas se inscreveu no programa Minha Casa Minha Vida, pois sonha com a casa própria. A família é composta por três adultos (homem de 65 anos, e casal composto por sua filha de 29 anos e seu genro de 31 anos) e uma criança (filho do casal, de um ano). A renda da família vem da aposentadoria do pai/sogro/avô e do trabalho do casal: ela recepcionista em um hotel em Copacabana, e ele garçom em um bar no mesmo bairro. A casa possui uma sala dividida em dois ambientes, uma cozinha, um banheiro e dois quartos. A sala possui um sofá de três lugares na cor creme, uma poltrona marrom, uma estante com uma televisão de tela plana e um computador. No canto da sala há uma mesa com quatro cadeiras. Na cozinha há uma pia, um fogão de quatro bocas, uma geladeira, um forno de micro-ondas e dois armários. No quarto do casal há uma cama, um berço, um guarda-roupa e um criado mudo com um pequeno abajur. Todos os móveis são de madeira de cor clara. O quarto do pai/sogro/avô é menor e tem uma cama de casal e um pequeno guarda-roupa.

Segundo o pai/sogro/avô, a última compra, realizada em prestações no cartão de crédito da filha, foi a televisão de tela plana. A televisão antiga foi doada para uma moradora do alto da favela, região conhecida como Vietnã. O morador explicou que sempre há pessoas

necessitadas e que o melhor é doar, pois recorda que, em sua antiga casa, quando a filha era pequena, teve vários móveis de doação.

Cabe mencionar que, em função das construções verticalizadas nas encostas dos morros, características das favelas cariocas, a carência de espaços e o tamanho das casas revela-se um problema para algumas dessas famílias. A partir dos relatos dos moradores e observando a geografia da favela, fica evidente que as famílias mais pobres possuem moradias de madeira, que estão na parte mais alta e de difícil acesso. Além das construções mais precárias, a entrada pelas escadas estreitas e íngremes torna o acesso mais complexo, dificultando a entrega e o descarte de móveis e de eletrodomésticos.

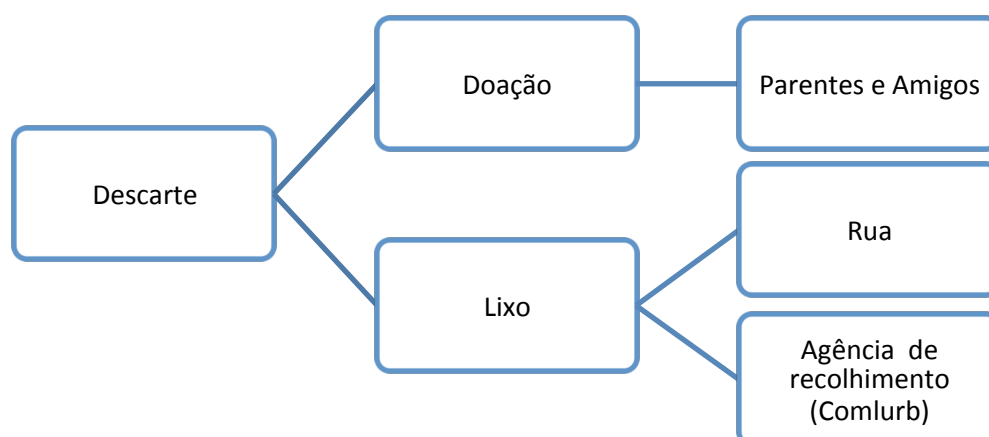
Assim, as duas questões que norteiam a nossa pesquisa – o que leva os móveis ou os eletrodomésticos a serem descartados, e como descartar esses móveis e eletrodomésticos – devem ser compreendidas, na favela, a partir das dificuldades geográficas enfrentadas pelos seus moradores, além dos seus aspectos socioeconômicos, uma vez que algumas famílias estão em situação de pobreza.

Essas dificuldades, entretanto, não impedem que haja uma vida social de móveis e eletrodomésticos na comunidade. Portanto, até o momento percebemos que o descarte dos móveis e dos eletrodomésticos acontece quase sempre quando o objeto estraga e seu conserto “não vale a pena”, ou, ainda, quando sucede uma compra ou o ganho de “algo melhor, mais novo”. O ganho de móveis e de eletrodomésticos vem de moradores da favela que trocam seus objetos ou de doações vindas do asfalto, mas que são intermediadas, quase sempre, por esses moradores.

Por outro lado, observamos que o seu descarte passa a ser um problema, pois, se o objeto estiver quebrado, é necessário levá-lo para “baixo”, o que significa depositá-lo na rua principal que dá acesso à favela, ao lado do local no qual a Comlurb faz o recolhimento do lixo da comunidade. Este deslocamento gera gastos, uma vez que é preciso pagar aos moradores da favela que fazem este tipo de transporte. Por isso, em alguns casos os eletrodomésticos e móveis ficam por determinado tempo em um canto da casa, dividindo o espaço com o “novo”. Outro destino dado aos móveis e eletrodomésticos, mas quando em bom estado de conservação, é a doação para membros de famílias consideradas mais pobres. É comum perguntar aos vizinhos, a amigos e a familiares se conhecem alguém que possa querer ou que precise do objeto; porém, o beneficiário é que deve providenciar o transporte até sua residência.

O fluxograma abaixo é uma representação gráfica das principais possibilidades de descarte de móveis e eletrodomésticos na favela.

Fluxograma 1 - Descarte na favela



4.2. No asfalto

No asfalto, os domicílios pesquisados apresentam diferentes estruturas e composições familiares: casal com filhos, casal sem filhos, e pessoas (homens e mulheres) que vivem sozinhos. Ao contrário do que acontece na favela, no asfalto os domicílios são amplos, à exceção do conjugado, e ocupados por poucas pessoas, e as famílias são pequenas. Todos residem em apartamentos, a maioria em imóveis próprios, sendo apenas um alugado.

Família Alves

Reside em Ipanema, em apartamento próprio, de três quartos. A família é composta por casal e uma filha de quatro anos. A esposa, de 39 anos, é *designer* e o marido, de 45 anos, é músico. Ambos trabalham em suas áreas de formação. De segunda a sexta-feira contam com o trabalho de uma empregada doméstica que dorme na residência três noites na semana. Moram há mais de 10 anos naquele imóvel e antes residiam em uma casa de vila no Rio Comprido, bairro da zona norte da cidade.

A planta do imóvel foi alterada e um dos quartos foi transformado em estúdio para o marido; isto demandou, entre outras coisas, uma reforma para revestimento acústico.

Com relação aos móveis, há aspectos que chamam atenção no apartamento. Grande parte dos móveis foi recebida da irmã do marido (sofá da sala, *puff*, mesa de jantar e cadeiras), que se desfez de vários móveis quando se mudou para um apartamento menor. Há uma poltrona de estofamento florido localizada na sala, que tem uma “vida social” bastante interessante: era do avô do marido, esteve na casa do Rio Comprido, e, no apartamento de Ipanema, já esteve no quarto do casal (como poltrona de leitura), no quarto da filha (como poltrona de amamentação) e atualmente está na sala, próxima ao sofá. Durante sua trajetória, a poltrona foi reformada por duas vezes para receber novo estofamento. No apartamento há muitos objetos relacionados à atividade profissional do

marido; além daqueles instalados no estúdio, há equipamentos de som na sala, como um amplificador e uma vitrola, e várias guitarras no quarto de empregada.

Família Barbosa

Reside em Ipanema, em apartamento próprio de três quartos. A família é composta por um casal de aproximadamente 55 anos, onde a esposa é psicóloga aposentada e o marido, engenheiro. O casal não tem filhos em comum, mas o marido tem um filho de 27 anos, fruto de um relacionamento anterior, que não mora com o casal.

A esposa mora na mesma rua desde a infância, tendo residido em outros três apartamentos antes de se mudar para o atual, onde mora há 15 anos. Não há empregadas domésticas, sejam mensalistas, diaristas ou faxineiras, trabalhando na residência e, por isso, todo o serviço doméstico é realizado por ela, que afirma ser uma tarefa simples e rápida, pois a própria decoração da casa, com poucos objetos, facilita a arrumação, a limpeza e a manutenção. Um aspecto importante observado na residência foi a preferência por móveis fabricados na cidade de Gramado¹¹, uma vez que o casal gosta muito daquela cidade e do estilo dos móveis de madeira lá fabricados. Há 15 anos, quando se mudaram para o apartamento, a cozinha foi toda projetada, fabricada e instalada por uma loja de Gramado, tornando-se o cômodo da casa mais apreciado pelo casal. O sofá da sala, também um móvel de Gramado, composto de uma estrutura de madeira e almofadas no assento e no encosto, teve as almofadas reformadas (recebeu novas capas) pela dona da casa, que possui uma máquina de costura em um dos quartos, que foi transformado em uma espécie de ateliê de costura. Desse ateliê já saíram outros elementos para a casa, como, por exemplo, as atuais cortinas da sala e o estofamento da cadeira de balanço que fica na sala.

Já tendo sido síndica do prédio onde mora, ela relatou sobre o problema que enfrentava com frequência durante aquele período: o descarte de móveis, de eletrodomésticos e de objetos de decoração variados que os moradores não queriam mais e que os porteiros do prédio, muitas vezes a pedido dos moradores, levavam para uma área da garagem, onde se amontoavam esses objetos, prejudicando a circulação dos carros e gerando reclamações de alguns moradores. De um lado, os porteiros diziam estar ajudando os moradores ou diziam querer os objetos, mas, de outro, havia a dificuldade de transportar esses objetos doados para suas residências, o que acarretava a demora em retirá-los da garagem.

Carmen

Reside em Ipanema, em apartamento próprio de três quartos. Viúva de 84 anos, mora sozinha desde a morte do marido, há 12 anos. Vive no mesmo apartamento há 18 anos, mas antes de comprar esse imóvel, ela e o marido residiram por pouco tempo em Copacabana, depois de se mudarem do Grajaú, bairro na zona norte do Rio de Janeiro. Carmen tem uma filha que mora no bairro da Lagoa, também na zona sul da cidade, e uma neta, que vive no bairro da Barra, na zona oeste, com marido e filho, bisneto de Carmen.

¹¹ Gramado, cidade do estado do Rio Grande do Sul, reconhecida como pólo moveleiro de destaque no país.

Embora ela os visite com regularidade, não se imagina vivendo com eles numa mesma casa. Há uma diarista que ali trabalha apenas dois dias na semana, pois Carmen atualmente não vê necessidade de uma empregada por mais dias ou que durma na residência – embora imagine que daqui a alguns anos poderá precisar de uma acompanhante. Pensando nisso, ela já tem planos claros, e definiu que essa acompanhante dormirá em um dos quartos, que já está mobiliado com armários embutidos e uma cama de solteiro.

O apartamento tem três quartos, sendo que um foi transformado em sala para TV e computador (um *notebook*), local onde Carmen mais costuma ficar quando está em casa. Como recebe uma excelente pensão do marido falecido e gosta de ter a casa bem decorada e arrumada, já fez várias reformas no apartamento – nos quartos, no banheiro e na cozinha. Uma vizinha relatou que são frequentes as obras no apartamento, que “ela sempre está inventando alguma coisa”. Carmen, logo no início da entrevista afirmou: “Eu amo a minha casa. Se tiver que comprar [referindo-se a objetos para casa] ... compro mesmo”. Enquanto estava vivo, o marido costumava decidir sobre os móveis e a decoração, então, depois de enfiar, passou a se sentir bem por poder tomar todas as decisões sobre a casa e sobre seus objetos.

Além das obras no apartamento, Carmen renova constantemente os móveis, seja comprando novos, mandando fazê-los sob medida ou reformando os antigos. Quanto aos eletrodomésticos, ela revela não ter tanto interesse quanto tem por móveis, mas troca sempre que é preciso, ou seja, quando funcionam mal ou quando param de funcionar. Quanto aos descartes, ela afirma se sentir uma pessoa “contemplada” e por isso não acha correto vender aquilo que não quer mais; em vez disso ela doa “para quem precisa”. Essas doações podem ser tanto para pessoas conhecidas, como para desconhecidos - como, por exemplo, para asilos que pessoas amigas indicam.

Danilo

Reside em Copacabana, em um apartamento conjugado alugado. Solteiro, tem 22 anos e é estudante universitário. Danilo mora sozinho e está na cidade há relativamente pouco tempo, desde 2011, vindo de Porto Alegre. Os pais e os dois irmãos continuam vivendo no Rio Grande do Sul. A mãe, que o orientou e o ajudou (inclusive financeiramente) na escolha e na compra dos móveis e dos objetos de decoração do conjugado, o visita com certa regularidade. A mãe interfere bastante nesse aspecto, o que faz com que Danilo sinta que o apartamento não reflete muito a sua personalidade.

O apartamento está localizado em prédio onde todos os apartamentos são conjugados e Danilo o alugou há aproximadamente dois anos. À época já havia um armário embutido, deixado pelo antigo inquilino, e, pelo contrato que assinou com a imobiliária, não pôde tirá-lo, mas gostaria de se desfazer do objeto, pois não o utiliza. Já havia também outros pequenos móveis, como uma estante que serve como divisória entre a cozinha e o restante do apartamento. Alguns móveis e eletrodomésticos, como o sofá-cama, o ventilador, a TV e uma mesa – que teve que ser cortada por ele para caber no espaço do conjugado – foram “emprestados” (leia-se doados) por uma família de amigos que estava reformando a casa quando Danilo se mudou para o apartamento. Muito ligado a música,

Danilo tem uma bateria eletrônica, um violão e um teclado (emprestado) que ocupam um canto perto da janela do apartamento. Quanto a descarte, não se lembra de ter se desfeito de nenhum móvel, eletrodoméstico ou outro objeto do apartamento desde que passou a morar ali.

Tendo em mente a primeira pergunta que se queria responder com a pesquisa – o que leva os móveis ou os eletrodomésticos a serem descartados? – observa-se que as respostas obtidas com as famílias do asfalto giram em torno de questões como: o objeto foi considerado velho; o objeto deixou de combinar com o restante dos objetos da casa (quando outros objetos são introduzidos, ou quando há reforma ou redecoração de um cômodo ou de toda casa); “cansou-se” do objeto; mudança de fase da vida dos filhos (nesses casos, berços e pequenos armários precisam abrir espaço para outros e maiores móveis).

Mas a segunda pergunta se impõe: como descartar esses móveis e eletrodomésticos? Esquemáticamente, podem ser apontadas algumas possibilidades: venda, para lojas de móveis usados ou diretamente a terceiros, por meio, por exemplo, de *sites* específicos de venda e de troca de objetos, ou de redes sociais; doação, para empregados, para parentes ou mesmo para pessoas desconhecidas; descarte, simplesmente colocando os objetos na lixeira do prédio ou fazendo uso dos serviços de recolhimento da Comlurb; remoção para a segunda casa da família, com casas de veraneio, na praia ou no campo não raramente sendo destinatárias de móveis e de eletrodomésticos originalmente utilizados na residência urbana da família.

O que fica claro é que o descarte de um móvel ou eletrodoméstico pode ser uma tarefa difícil para as famílias residentes no asfalto, pois muitas vezes não há para quem doar o bem e não se tem ou não se sabe sobre alternativas de destino para objetos de grandes dimensões, como são alguns móveis e eletrodomésticos.

Algumas vezes, embora as pessoas conheçam, por exemplo, o Exército da Salvação¹² ou o Serviço de Retirada de Entulhos e Bens Inservíveis da Comlurb, consideram essas alternativas difíceis de serem concretizadas. Especificamente em relação às doações, foram verificadas duas posições diferentes em relação ao ato de doar móveis e eletrodomésticos. Se, por um lado, pode ser expressado o desejo de procurar doar um objeto para uma pessoa que se considere que “precise” e que “mereça” o item, de outro lado pode ser expressado claramente que as doações são formas mais simples e baratas de “se livrar dos objetos”, não se importando realmente com o destino ou com quem receberá esses objetos.

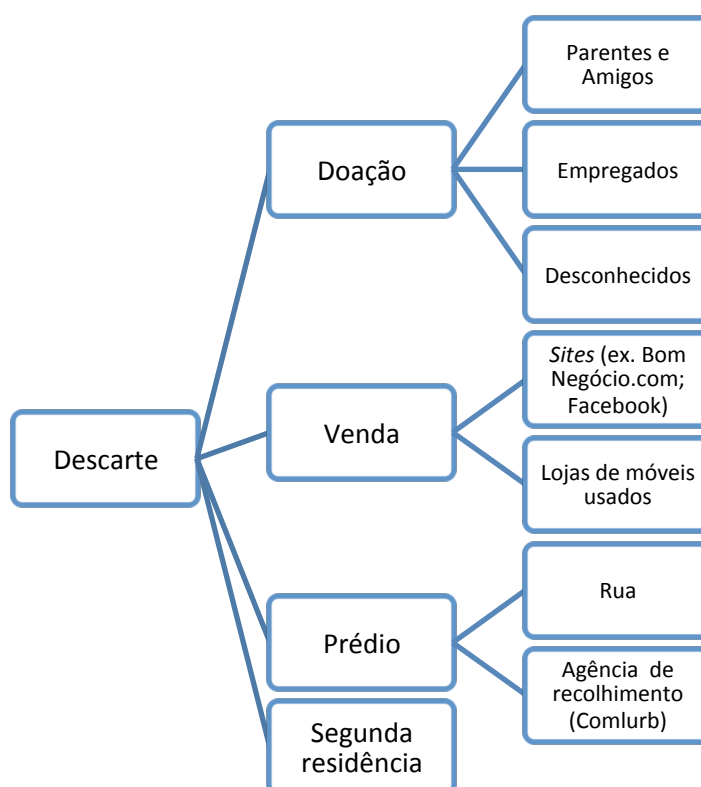
Porteiros e empregadas domésticas são destinatários principais de móveis e de eletrodomésticos descartados pelas famílias de classe média pesquisadas. Além de receberem esses bens em doação, porteiros e domésticas podem atuar como “mediadores” das doações; neste caso, se os objetos não lhes interessam, eles conhecem alguém que “precisa” e ou que gostaria de receber esses objetos dos quais as famílias querem se

¹² O Exército da Salvação é uma entidade filantrópica que possui um serviço gratuito de retirada de móveis, eletrodomésticos, roupas e objetos variados. É preciso agendar, por telefone ou pela internet, a doação dos objetos que são retirados dos domicílios e são vendidos a baixos preços em um galpão da entidade localizado no bairro de Benfica, zona norte do Rio de Janeiro. O dinheiro arrecadado com as vendas é revertido para serviços e entidades assistenciais mantidos pelo Exército da Salvação.

desfazer, um familiar, um amigo, um conhecido, um vizinho. Em outros casos as famílias apenas sabem que os porteiros “dão um jeito”, “dão um destino”, “dão um fim” aos objetos que elas não mais desejam manter em casa. Esse destino ignorado pelas famílias pode ser, inclusive, o lixo.

O fluxograma abaixo é uma representação gráfica das principais possibilidades de descarte de móveis e eletrodomésticos no asfalto.

Fluxograma 2 - Descarte no asfalto



4.3. Concluindo: mediações e trocas possíveis entre a favela e o asfalto

A pesquisa com as famílias mostrou, no que tange às dinâmicas socioculturais que permeiam a circulação e a trajetória de móveis e eletrodomésticos entre lares de diferentes classes sociais, que há tanto redes verticais como redes horizontais na circulação de bens. Explicando melhor aquilo que estamos nomeando como redes horizontais e redes verticais, ouvimos e registramos nas casas de classe média do asfalto, histórias de móveis e de eletrodomésticos que foram doados a pessoas de classe mais baixa (rede vertical), mas também objetos que foram doados a amigos ou parentes também de classe média (rede horizontal). Além disso, observamos objetos que foram recebidos via doação de amigos ou parentes (rede horizontal). Nas famílias de classe baixa nas comunidades, observamos não

só os móveis e eletrodomésticos que foram doados por pessoas de classe média do asfalto (rede vertical), mas também um movimento de doação e de troca desses objetos entre as famílias da favela (rede horizontal). A existência dessas redes horizontais e verticais mostra que móveis e eletrodomésticos circulam entre e intra classes sociais. Essa circulação expõe relações de sociabilidade, que podem ser de caráter familiar, de amizade, de vizinhança ou de trabalho, presentes especialmente na doação e, em menor medida, na venda ou na troca dos objetos. Cabe lembrar as considerações feitas diversas vezes por Miller (2002, 2007, 2010, 2012) de que ao estudarem-se as relações entre pessoas e coisas, estudam-se, na verdade, as relações entre pessoas. Assim, mediados por objetos, os relacionamentos humanos se afirmam e reafirmam, relações sociais são estabelecidas, mantidas, reforçadas ou, em certos casos, rompidas.

Outro aspecto que a pesquisa trouxe à luz foi a relativa dificuldade que, por vezes, as famílias estudadas, independente da classe social, enfrentam no processo de descarte de um móvel ou eletrodoméstico. Quando a doação, em geral a primeira opção pensada para se desfazer de um desses objetos, ou a venda não são possíveis, passa-se a alternativas que via de regra não mais morosas ou complexas/complicadas, como, por exemplo, o acionamento da Comlurb para a retirada do objeto.

Por fim, com relação à vida social dos móveis e eletrodomésticos, a pesquisa conclui que ao longo de suas trajetórias de vida, alguns desses objetos são deslocados para “espaços limiaries”, espaços da casa ou da rua que são utilizados pelas famílias para “encostar”, a princípio em caráter provisório, os objetos que não são mais úteis ou desejados. Exemplos claros de “espaços limiaries” no asfalto são as garagens e os pequenos apartamentos que existem em alguns prédios, em geral destinados à residência de porteiros, mas que podem ser transformados em verdadeiros depósitos de objetos de todo tipo descartados pelos moradores. São também “espaços limiaries” os quartos de empregada, cômodo que muitas famílias utilizam como espaços para guardar objetos que ainda não têm um destino definido. Na favela, na falta de um quarto de empregada ou de uma garagem, o “espaço limiar” mais comumente visto é um canto da rua, onde os moradores depositam os objetos que não querem mais, ou esses objetos permanecem dentro de casa, misturados e disputando espaço com os demais, até que seu destino seja decidido. Após passarem por esses “espaços limiaries”, o destino desses objetos é incerto: alguns podem ganhar uma sobrevida, retornando a algum cômodo da casa ou indo para uma nova residência, enquanto outros vão para o lixo ou são destruídos, concluindo seu ciclo de vida.

Referências

- APPADURAI, A. (Org.). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da UFF, 2008.
- ATHAYDE, C. Periferia: favela, beco, viela. In: BOTELHO, A. SCHWARCZ, L. M. (Orgs.). **Agenda brasileira**: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora: UFRJ, 2004.

- CALDEIRA, T. P. R. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da Periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CAMPBELL, C. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- _____. Consumo, logo sei que existo. In: BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. **Cultura, consumo e identidade**. São Paulo: Editora FGV, 2007.
- FONSECA, C. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.
- KOPYTOFF, I. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, A. (Org.). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da UFF, 2008.
- MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência etnográfica. **Horizontes Antropológicos**, ano 15, n. 32, jul/dez. 2009.
- MILLER, D. (Ed.) **Home possessions**: material culture behind closed doors. Oxford: Berg, 2001.
- _____. **Teoria das compras**. São Paulo: Nobel, 2002.
- _____. Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007.
- _____. **The comfort of things**. Polity Press: Cambridge, 2012.
- _____. **Trecos, troços e coisas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MACHADO DA SILVA, L. A. A política das favelas. **Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social**, v. 4, n. 4, out/nov/dez, 2011.
- PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- SAHLINS, M. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SARTI, C. A. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. 2ª Ed. Campinas, SP: Autores associados, 1996.
- SIMMEL, G. **The philosophy of money**. London: Routledge, 1978.
- VALLADARES, L. P. **A invenção da favela**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. 2ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.